

Mark Twain

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Os Diários de Adão e Eva

N.º 3

«Foi contra
os meus
princípios,
mas acho que
os princípios
só se aplicam
se tivermos
a barriga
cheia.»

MARK TWAIN

Nasceu em 1835, Florida, Missouri, EUA

Morreu em 1910, Redding, Connecticut, EUA

Os Diários de Adão e Eva integram dois contos
de Mark Twain, pseudónimo de Samuel Clemens:

Excertos do Diário de Adão, publicado em 1893,
e *O Diário de Eva*, dado ao prelo em 1904.

Nota do Autor

Há alguns anos traduzi uma parte deste diário, e um amigo meu imprimiu umas quantas cópias incompletas, que nunca chegaram aos olhos do público. Desde então, decifrei mais alguns hieróglifos de Adão, e creio que agora ele já se tornou uma figura pública suficientemente importante para justificar esta publicação.

M. T.

O Diário de Adão

Segunda-feira

Esta nova criatura de cabelos compridos é um grande empecilho. Anda sempre à minha volta e segue-me por todo o lado. Não me agrada nada; não estou habituado a ter companhia. Preferia que ficasse com os outros animais. Hoje há nuvens e um vento de Leste; acho que *nós* ainda vamos apanhar chuva... Onde é que aprendi esta palavra?... Ah, já me lembro — é a nova criatura que a usa sempre.

Terça-feira

Tenho estado a observar a grande queda-d'água. Acho que é a coisa mais bela do parque. A nova criatura chama-lhe Cataratas do Niágara — porquê? Não compreendo. Diz que *parecem* as Cataratas do Niágara. Mas isso não é razão; é apenas um capricho e uma imbecilidade. Eu não

consigo pôr nome a nada. A nova criatura dá um nome a tudo o que surge antes mesmo de eu ter tempo para protestar. E o pretexto é sempre o mesmo: *parece-se* com essa coisa. Por exemplo, o dodô. Diz que, mal olhamos para um, vemos logo que «*parece* um dodô». É certo que vai ter de ficar com esse nome. Estou farto de me arreliar por causa disso, e não serve de nada. Dodô! Parece tanto um dodô como eu.

Quarta-feira

Construí um abrigo para me proteger da chuva, mas não consegui ficar lá sozinho em paz. A nova criatura foi-se lá enfiar. Quanto tentei correr com ela, começou a deitar água pelos sítios por onde olha e limpou-a com as costas das patas, e fez um barulho como o que alguns dos animais fazem quando estão aflitos. Quem me dera que ela não pudesse falar; é que está sempre a falar! Pode parecer um ataque reles à pobre criatura, uma censura; mas não é essa a minha intenção. Nunca tinha ouvido a voz humana, e qualquer som novo e estranho que se intrometa aqui, no silêncio solene desta solidão sonhadora, é uma afronta para os meus ouvidos e soa como uma nota falsa. E este novo som irrompe sempre tão perto de mim; mesmo por cima do meu ombro, direito ao meu

ouvido, primeiro de um lado e depois do outro... e eu só estou habituado a sons que estão geralmente mais distantes de mim.

Sexta-feira

A «nomeação» prossegue a torto e a direito e não há nada que eu possa fazer contra isso. Tinha arranjado um nome muito bom para este sítio, um nome musical e bonito — Jardim do Éden. Em privado continuo a designá-lo assim, mas em público não posso. A nova criatura diz que são só árvores e pedras e paisagem e, por isso, não tem nenhuma semelhança com um jardim. Diz que *parece* um parque e nada mais que um parque. Consequentemente, e sem me consultar, deu-lhe um outro nome — Parque das Cataratas do Niágara. Acho que é uma falta de consideração. E tem já um letreiro:

NÃO PISAR A RELVA!

A minha vida não é tão feliz como era dantes.

Sábado

A nova criatura come demasiada fruta. Nós ainda vamos acabar com a fruta. Outra vez «NÓS» — é uma palavra dela; e agora também é minha, de tanto a ouvir. A manhã está muito enevoada. Eu não saio com esta neblina. A nova criatura sai. Sai sempre, faça o tempo que fizer, e anda por aí com os pés cheios de lama. E fala. Costumava ser tão agradável e sossegado por aqui...

Domingo

Cá me vou aguentando. Este dia está a ficar cada vez mais difícil. Tinha sido escolhido e posto de parte em novembro passado como dia de descanso. Antes, cheguei a ter seis dias de descanso por semana. Mas esta manhã dei com a nova criatura a tentar derrubar maçãs daquela árvore proibida.

Segunda-feira

A nova criatura diz que se chama Eva. Acho bem, não tenho nada a objetar. Diz para a chamar por esse nome, quando quiser que ela venha. Respondi-lhe que, nesse caso, era supérfluo. Esta palavra fez-me subir na sua consideração; e, de facto, é uma palavra grande e boa, e que

não custa repetir. A nova criatura disse-me que não é uma criatura, mas uma Ela. Duvido, mas para mim tanto faz; o que quer que Ela seja não me faria diferença se Ela se metesse na sua vida e não falasse.

Terça-feira

Ela encheu todo o parque de nomes execráveis e letreros ofensivos:

REMOINHO POR AQUI
ILHA DAS CABRAS POR AQUI
CAVERNA DOS VENTOS

Disse que este parque daria uma boa estância de verão, se houvesse clientela. Uma estância de verão — outra invenção dela; só palavras sem qualquer sentido. O que é uma estância de verão? Mas o melhor é nem lhe perguntar, ela tem uma vontade louca de explicar.

Sexta-feira

Agora deu-lhe para me pedir que deixe de ir para as quedas-d'água. Que mal tem? Diz que lhe dá arrepios. Gostava de saber porquê. Sempre fiz isso — sempre gostei

Mark Twain

de saltar para a água, e daquela excitação, e daquela frescura. Sempre achei que era para isso que as quedas-d'água serviam. Que eu veja, não servem para mais nada, e devem ter sido feitas com algum fim. Ela diz que só foram feitas para serem paisagem — como os rinocerontes e o mastodonte.

[...]

Fui para as quedas-d'água dentro de um barril — mas não foi suficiente para ela. Fui numa selha — continuou a não ser suficiente para ela. Fui nadar no remoinho e nos rápidos com um fato de folha de figueira. Ficou todo estragado. E lá veio ela com as suas queixas enfadonhas pela minha extravagância. Estou muito limitado aqui. Do que eu preciso é de mudar de ares.

Sábado

Na terça-feira à noite fugi e passei dois dias a andar, e construí um novo abrigo só para mim num sítio isolado. Apaguei as minhas pegadas o melhor que pude, mas ela conseguiu apanhar-me com a ajuda de um animal que domesticou, a que chama lobo. Começou a fazer outra vez aquele barulho deplorável e a deitar água pelos sítios com que olha. Fui obrigado a voltar com ela, mas assim que tiver uma oportunidade, torno a emigrar. Ela entretém-se

a fazer muitas coisas idiotas: entre outras, a tentar estudar por que razão os animais chamados leões e tigres se alimentam de ervas e flores quando, segundo ela, o tipo de dentes que têm seria mais indicado para se comerem uns aos outros. É uma idiotice, porque isso implicaria matarem-se uns aos outros, o que introduziria aquilo que, na minha maneira de ver, se chama «morte»; e disseram-me que a morte ainda não chegou aqui ao Jardim. O que é uma pena, verdade seja dita.

Domingo

Cá me fui aguentando.

Segunda-feira

Acho que já percebi para que serve a semana: para dar tempo para descansar da fadiga do domingo. Parece-me boa ideia. [...] Ela andou outra vez a trepar àquela árvore. Tive de a arrancar de lá. Ela disse que não estava ninguém a ver. Parece que acha que isso é justificação suficiente para tentar fazer coisas perigosas. Disse-lhe isso mesmo. A palavra justificação causou-lhe admiração — e também inveja, pareceu-me. É uma boa palavra.

Quinta-feira

Ela disse-me que foi feita de uma costela tirada do meu corpo. No mínimo, é duvidoso. Não dei por falta de nenhuma costela. [...] Anda agora muito atrapalhada com o abutre; diz que as ervas não são o seu alimento, tem medo de não conseguir criá-lo; acha que ele está destinado a alimentar-se de carne em decomposição. O abutre tem de se aguentar o melhor que puder com o que tem à sua disposição. Não podemos virar o esquema todo de pernas para o ar só para fazer o jeito ao abutre.

Sábado

Ontem caiu no lago quando se estava a ver a si própria nele. Passa a vida a fazer isso. Quase se asfixiou e disse que foi muito desconfortável. E isso fê-la ter pena das criaturas que lá vivem, a que ela chama peixes, porque sim, ela continua a pôr nomes a coisas que não precisam de nome e que não vêm quando são chamadas por esses nomes, mas isso não tem importância nenhuma para ela, por ser tão estúpida; e, então, trouxe imensas criaturas dessas para o abrigo ontem à noite e pô-las na minha cama para ficarem quentinhas, mas fui dar-lhes uma olhadela de vez em quando durante o dia, e não as acho mais felizes do que eram dantes, só mais sossegadas. Logo

à noite, vou atirá-las lá para fora. Não torno a dormir com elas; são pegajosas e é desagradável uma pessoa senti-las à sua volta quando está nua.

Domingo

Cá me fui aguentando.

Terça-feira

Agora anda entretida com uma serpente. Os outros animais estão todos satisfeitos, porque ela andava sempre a fazer experiências com eles e a incomodá-los; e eu também estou contente, porque a serpente fala, e assim posso ter algum descanso.

Sexta-feira

Ela diz que a serpente a tem aconselhado a provar o fruto daquela árvore, e também diz que a consequência disso vai ser uma ótima aprendizagem, importante e digna. Disse-lhe que haveria mais uma consequência — a introdução da morte no mundo. Foi um erro, mais valia ter ficado calado; só serviu para lhe dar uma ideia: ela poderia salvar o abutre doente e arranjar carne para

dar aos leões e aos tigres, que andam tão desanimados. Aconselhei-a a manter-se afastada da árvore. Ela disse que não o faria. Estou a prever que venham aí problemas. Agora é que vou emigrar.

Quarta-feira

Aconteceram muitas coisas. Fugi a noite passada e andei a cavalo a noite inteira o mais depressa possível, na esperança de sair do parque e esconder-me noutra país qualquer, antes de os problemas começarem; mas tal não me estava assim destinado. Mais ou menos uma hora depois do nascer do Sol, atravessava eu uma planície cheia de flores, onde milhares de animais pastavam, descansavam ou brincavam uns com os outros, consoante a sua vontade, quando, de repente, começaram a fazer uma barulheira terrível e assustadora e, num abrir e fechar de olhos, instalou-se um imenso alvoroço na planície e os animais começaram a aniquilar-se uns aos outros. Percebi logo o que aquilo queria dizer — a Eva tinha comido o fruto, e a morte instalara-se no mundo. [...]

Os tigres comeram o meu cavalo e não ligaram nenhuma quando os mandei parar, e até me teriam comido a mim, se tivesse ali ficado — mas não fiquei e fui-me embora a toda a pressa. [...] Descobri um sítio,

fora do parque, e estive bastante bem lá durante alguns dias, mas ela encontrou-me. Encontrou-me e deu ao sítio o nome de Tonawanda — diz que *parece* isso. Para dizer a verdade, não fiquei nada triste por ela aparecer, porque aqui não há nada que se aproveite para comer, e ela trouxe uma braçada das tais maçãs. Fui obrigado a comê-las, de tanta fome que tinha. Foi contra os meus princípios, mas acho que os princípios só se aplicam se tivermos a barriga cheia. [...] Ela apareceu coberta de ramos e folhas e, quando lhe perguntei para que era aquele disparate e lhos arranquei e deitei fora, ela fez um risinho abafado e corou. Nunca tinha visto uma pessoa fazer um risinho abafado e corar, mas pareceu-me uma coisa muito imprópria e idiota. Ela disse que eu iria saber em breve. E assim foi. Apesar da fome que tinha, pousei a maçã meio comida — de longe, a melhor que alguma vez tinha saboreado, tendo em conta que já estava quase fora de estação — e cobri-me com os ramos e galhos que tinha deitado fora, e depois falei-lhe com uma certa gravidade e mandei-a ir buscar mais ramos para não andar naquele espetáculo. E ela assim fez, e depois rastejámos até ao campo da batalha entre os animais selvagens e apanhámos algumas peles, e mandei-a coser umas quantas para fazer fatos que fossem adequados para cerimónias públicas. É verdade que são desconfortáveis, mas têm

estilo, e é isso que interessa na roupa. [...] Descobri que ela até é uma boa companhia. Sei que, sem ela, estaria só e deprimido, agora que perdi a minha propriedade. Outra coisa: ela diz que a partir de agora teremos de trabalhar para ganhar o nosso sustento. Ela vai ser útil. Eu vou superintender.

Dez dias depois

Ela acusa-me de ter sido a causa da nossa desgraça! Diz, com aparente sinceridade e convicção, que a Serpente lhe garantiu que o fruto proibido não era a maçã, mas a noz. Disse-lhe que, nesse caso, estava inocente, porque não tinha comido noz nenhuma. Ela disse que a Serpente a tinha informado de que «noz» era um termo figurativo, que significava uma piada velha e bolorenta. Empalideci ao ouvir isto, porque costumo dizer muitas piadas para passar os tempos mortos, e algumas até podiam ser desse género, embora, quando as inventei, estivesse convencido, com toda a honestidade, de que eram novas. Perguntou-me se tinha dito alguma na altura da catástrofe. Fui obrigado a admitir que tinha dito uma, mas não em voz alta, só para mim. Foi assim. Estava a pensar nas quedas-d'água e disse para comigo: «Deve ser maravilhoso ver tanta água a cair por ali abaixo!» E, nesse

instante, passou-me pela cabeça uma ideia brilhante, e disse: «Devia ser muito mais maravilhoso ver tanta água a cair por ali acima!» — e estava quase a morrer de tanto rir, quando a Natureza se encheu de guerra e morte, e tive de fugir para não morrer também. «Ora aí tens», disse ela com um ar triunfante, «a Serpente referiu essa mesma piada e chamou-lhe a Primeira Noz e disse que ela marcava o início da criação». Ai de mim, sou mesmo culpado. Quem me dera não ter a mania de que sou engraçado; oh, quem me dera nunca ter tido aquela brilhante ideia!

No ano seguinte

Pusemos-lhe o nome de Caim. Ela apanhou-o enquanto eu andava pelo campo a montar armadilhas na margem norte do Erie; apanhou-o no meio das árvores a uns três quilómetros do nosso abrigo — ou talvez a uns seis, não tem a certeza. É muito parecido connosco, pode ser aparentado. Pelo menos é o que ela acha mas, a meu ver, está errada. A diferença de tamanho permite concluir que se trata de uma nova espécie de animal — talvez um peixe, se bem que, quando o meti na água para confirmar, ele afundou-se, e ela atirou-se de cabeça e apanhou-o antes de a experiência poder realizar-se e de se poder tirar uma conclusão. Continuo a achar que é um peixe, mas para ela

é indiferente o que ele seja, e não me deixa experimentar. Não percebo isto. Parece que a chegada da criatura a mudou por completo e a tornou insensata em relação às experiências. Pensa mais nele do que em qualquer um dos outros animais, mas não consegue explicar porquê. Tem a cabeça toda num oitão — vê-se nas coisas mais pequenas. Às vezes, passa metade da noite com o peixe ao colo, quando ele refila e quer ir para a água. Nessas alturas, começa a sair água dos sítios da cara por onde ela olha, e dá palmadinhas nas costas do peixe para o acalmar, revelando tristeza e preocupação de cem maneiras diferentes. Nunca a vi fazer isto com nenhum outro peixe, e ando muito preocupado. Ela costumava pegar assim nas crias dos tigres, antes de termos perdido a nossa propriedade; mas era só a brincar; nunca se ralou assim tanto com eles quando a comida lhes caía mal.

Domingo

Aos domingos ela não faz nada; fica deitada a descansar e gosta de ter o peixe espojado em cima dela; e faz uns sons parvos para o divertir, e finge que vai comer-lhe as patas, e ele ri-se com isso. Nunca tinha visto nenhum peixe que se risse. Tenho umas certas dúvidas. [...] Agora até gosto dos domingos. Passar a semana toda a superintender

é muito cansativo. Devia haver mais domingos. Antigamente, eram difíceis, mas agora até dão jeito.

Quarta-feira

Não é um peixe. Não consigo perceber o que é. Faz uns sons curiosos e diabólicos quando não está satisfeito e diz *gugu* quando está. Não é dos nossos porque não anda; não é uma ave porque não voa; não é um sapo porque não salta; não é uma cobra porque não se arrasta; tenho quase a certeza de que é um peixe, mas nunca tenho oportunidade de ver se sabe nadar ou não. A única coisa que faz é estar deitado, e quase sempre de costas e com os pés no ar. Nunca vi nenhum animal fazer aquilo. Disse que achava que era um enigma, mas ela limitou-se a admirar a palavra sem a compreender. Para mim, ou é um enigma ou um inseto. Se morrer, vou abri-lo para ver como é por dentro. Nunca houve nada que me deixasse tão perplexo.

Três meses depois

A perplexidade aumenta em vez de diminuir. Quase não durmo. Deixou de estar sempre deitado e agora anda de um lado para o outro com as quatro patas. Mas é diferente dos outros animais de quatro patas, porque tem as

patas da frente anormalmente pequenas, o que obriga a que a maior parte do corpo dele fique desagradavelmente espetada no ar; não é nada bonito de se ver. A constituição dele é bastante parecida com a nossa, mas o seu modo de locomoção mostra que não é da nossa espécie. As patas da frente pequenas e as de trás compridas sugerem que é da família dos cangurus, mas é um parentesco afastado, pois os verdadeiros cangurus saltam, ao passo que este nunca salta. Mas é uma variação curiosa e interessante, que ainda não está catalogada. Como fui eu que a descobri, achei que merecia ter o nome associado à descoberta e, assim, chamei-lhe Kangaroorum Adamiensis. [...] Devia ser muito jovem quando chegou porque, desde então, cresceu imenso. Agora deve ter o quádruplo do tamanho que tinha nessa altura e, quando alguma coisa lhe desagrada, consegue fazer entre vinte e duas a trinta e oito vezes o som que fazia a princípio. A coerção não o modifica, tendo até o efeito contrário. Por essa razão, descontinuí o sistema. Ela fá-lo resignar-se através da persuasão e dando-lhe coisas que anteriormente tinha dito que não lhe dava. Como já referi, eu não estava em casa quando ele chegou, e ela disse-me que o tinha encontrado no meio das árvores. Acho estranho só haver um, mas deve ser mesmo assim, porque passei as últimas semanas a tentar encontrar outro para juntar à minha coleção,

e para este ter com quem brincar; de certeza que assim ficaria mais sossegado e seria mais fácil de amestrar. Mas não consigo encontrar nenhum, nem sequer qualquer vestígio; e o mais estranho de tudo é que também não encontro pegadas. Mas ele tem de viver no chão, não há volta a dar; por isso, como é que ele anda de um lado para o outro sem deixar pegadas? Montei umas dez armadilhas, mas não serviram de nada. Apanhei os mais variados animais pequenos, todos menos este; animais que só caem na armadilha por curiosidade, acho eu, para verem para que serve o leite que lá está. Nunca o bebem.

Três meses depois

O canguru continua a crescer, o que é muito estranho e desconcertante. Nunca conheci nenhum animal que demorasse tanto tempo a crescer. Agora tem pelos na cabeça; não são pelos como os dos cangurus, são exatamente iguais ao nosso cabelo, só que são mais finos e mais macios e, em vez de serem pretos, são avermelhados. Ainda dou em doido com a forma caprichosa e embaraçosa como esta aberração zoológica inclassificável está a desenvolver-se. Se conseguisse apanhar outro... mas não vale a pena pensar nisso; é uma variedade nova, e é exemplar único; disso não há dúvida. Apanhei um canguru

Mark Twain

verdadeiro e trouxe-o para o abrigo, convencido de que este se sentia só e preferia ter a companhia de um canguru a não ter ninguém da sua espécie ou qualquer animal com quem sentisse alguma proximidade ou empatia, por estar aqui desamparado entre estranhos que desconhecem os seus modos e hábitos e não sabem o que hão de fazer para que ele se sinta entre amigos; mas foi um erro — quando viu o canguru, berrou tanto que fiquei convencido de que ele nunca tinha visto nenhum. Tenho pena do pobre animal barulhento, mas não há nada que possa fazer para ele se sentir satisfeito. Se o conseguisse amestrar... mas está fora de questão; quanto mais tento, pior parece. Até me dói o coração quando o vejo a ter ataques de tristeza e de paixão. Gostava de o deixar ir embora, mas ela nem quer ouvir falar disso. Nem me pareceu coisa dela, de tão cruel que a achei; no entanto, talvez tenha razão. Podia ficar mais só do que nunca; porque, se eu nunca consegui encontrar outro, como é que ele ia conseguir?

Cinco meses depois

Não é um canguru. Não, porque se agarra a um dedo dela e dá alguns passos com as patas traseiras, e depois cai. Provavelmente, é uma espécie de urso; no entanto, não tem cauda — por enquanto — e também não tem pelo

a não ser na cabeça. Continua a crescer — é um dado curioso, porque os ursos crescem mais cedo do que este. Os ursos são perigosos — desde a nossa catástrofe — e não fico descansado com este a andar por aqui durante mais tempo sem lhe pôr um açaimo. Disse-lhe que lhe arranjava um canguru, se ela deixasse este ir embora, mas não serviu de nada — está decidida a expor-nos a todo o tipo de riscos desnecessários, acho eu. Ela não era assim antes de ter enlouquecido.

Quinze dias mais tarde

Examinei a boca dele. Por enquanto, ainda não há perigo; só tem um dente. Ainda não tem cauda. Faz mais barulho agora do que fazia dantes — principalmente durante a noite. Saí do abrigo. Mas vou passar a ir lá de manhã, para tomar o pequeno-almoço e ver se já tem mais dentes. Quando tiver a boca cheia de dentes, terá de se ir embora, quer tenha cauda ou não tenha, porque um urso não precisa de cauda para ser perigoso.

Quatro meses depois

Há um mês que ando a caçar e a pescar na região a que ela chamou Buffalo; não sei porquê, a não ser que seja por

não haver lá nenhum búfalo. Entretanto, o urso aprendeu a dar uns passos sozinho, assente nas patas traseiras, e diz «papá» e «mamã». É definitivamente uma espécie nova. Claro que esta coisa parecida com palavras pode ser puramente acidental e pode não ter qualquer objetivo nem significado; mas, mesmo que assim seja, continua a ser extraordinário, e é uma coisa que nenhum outro urso consegue fazer. Esta imitação de linguagem, juntamente com a ausência geral de pelo e a total ausência de cauda, demonstra bem que se trata de uma nova espécie de urso. Será extremamente interessante continuar a estudá-lo. Entretanto, partirei numa expedição mais longínqua às florestas do Norte e farei uma busca exaustiva. Tem de haver outro algures, e este será menos perigoso quando tiver uma companhia da sua espécie. Vou partir imediatamente; mas primeiro vou açaimar este.

Três meses depois

Foi uma caçada muito, muito cansativa, mas infrutífera. Entretanto, sem sair do sítio, ela apanhou outro! Nunca vi ninguém com tanta sorte. Nem que andasse cem anos por essas florestas fora, daria com tal coisa.



P E N G U I N
L I T T L E B L A C K
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 3

Os Diários de Adão e Eva

Os problemas no Paraíso começaram muito antes da chegada da Serpente, como o leitor poderá comprovar nestas páginas inéditas dos diários de Adão e Eva.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-583-903-2



9 789895 839032